

MEMÓRIAS DOS APOSENTADOS

BERNARDO FERREIRA FRAGA

PROCURADOR DE JUSTIÇA APOSENTADO

Início e saída do MPSP: 13/01/1976 a 28/12/1993

APMP: Como foi o início da carreira?

Por até influência de outros promotores, dos quais eu posso citar de memória, que me influenciou muito em fazer direito e depois prestar concurso para o Ministério Público, nós temos: Geraldo Shimitti Correia, Disnel Francisco Scornaenqui, Wilson Rino, e muitos outros promotores com quem eu tive privilégio de conviver neste período, posto que eu fui nesta época oficial de justiça e trabalhava em cartório. Então, esta aproximação foi muito grande. Esta influência começou muito cedo. Foi quando nós fomos fazer Direito em Ribeirão Preto, Faculdade de Direito em Ribeirão Preto, na época chamava-se Laudo de Camargo, hoje eu não sei o nome, porque foi lá para Ribeirão. Nós formamos um grupo jovem e, que, sucessivamente, nós nos formamos em 1970, quando colamos grau, e todo ano depois entrava um da turma no MP. O primeiro, se não me falha a memória foi o Ed Cabrera, depois nós tivemos o Mario Vito de Felício, depois o Ruy Stoco, que foi para a magistratura, eu, Carlos Alberto Marzola e Silva, Sioni, e, uma gama enorme de colegas que ingressaram no MPSP.

APMP: Como foi o concurso?

O concurso foi difícilíssimo. Tanto é que nós éramos aproximadamente três mil candidatos e, ao final, somente 33 foram aprovados. Foi muito difícil este concurso, o procurador da época, se não me falha a memória, era o doutor Quintanilha Ribeiro. A Banca examinadora, era o doutor Aloísio Arruda, Geraldo Chade, Scavone, o representante da OAB.

APMP: Como foi a experiência como promotor substituto?

Promotor substituto: eu tive a grande felicidade de ter assumido o cargo de promotor substituto e fui designado para uma comarca do interior, Batatais, onde eu fui conviver com um grande promotor de Justiça falecido recentemente a quem nós prestamos nossas homenagens, que é o José Caleiro. Primeiro dia que eu cheguei na promotoria foi num janeiro, já que tomamos posse dia 13, e naquela época os promotores de justiça substitutos faziam o cursinho que iniciou exatamente neste ano de 1975, nós fazíamos o cursinho sem estarmos na função de promotor de justiça. Portanto, nós ficamos aqui em São Paulo praticamente três meses fazendo o cursinho sem ganhar nada, nenhum valor. Chegando a Batatais eu me deparei com o Caleiro, amável, gentil, cordial, que me ensinou os primeiros passos na carreira.

Logo em seguida, eu fiquei muito pouco como promotor substituto em Batatais. Como Jardinópolis estava vaga, nós fomos designados para assumir Jardinópolis. E ficamos por lá um bom período, até a permuta que nós fizemos com o José Luiz Meirelles, que era promotor substituto em Ribeirão Preto. Ele queria ficar em Jardinópolis, posto que a pretensão dele era ser removido para lá. Assim ele já ficaria ali. Eu sai de Jardinópolis e fui para Ribeirão Preto como promotor de Justiça substituto, onde eu conheci e efetivei praticamente na carreira com ilustres e nobres promotores de justiça. Nós tínhamos na primeira vara o Henrique Serraglia, na segunda vara o Aníbal Augusto Gama, na terceira vara o Armando Nogara, na quarta vara tínhamos como convocada porque ela era de Sertãozinho, a promotora Tilene Almeida de Moraes, com esses promotores é que eu iniciei efetivamente a minha carreira dentro do MPSP

Olha bem, existia realmente aquela concorrência, aquela disputa para se conseguir as promoções. Inicialmente era muito difícil porque o Conselho aqui em SP ficava um tanto quanto distante dos promotores, embora houvesse acompanhamento de informações de

promotores nas comarcas que se interessavam para que os promotores de justiça substitutos ficassem nas regiões. A primeira promoção que eu tive foi para ali perto, Altinópolis, que fica ao lado de Batatais. Eu fui ser promotor de Justiça Titular da Primeira Entrância em Batatais.

APMP: Como foi lá?

Como promotor daquela época nós tínhamos a difícil missão de propormos as ações trabalhistas, algumas dificuldades inerentes ao cargo, nós tínhamos que enfrentar, nós éramos sozinhos. Ai, nós não tínhamos mais o ombro do Caleiro, não tínhamos mais o ombro da saudosa Tilene, do saudoso Serraglia, tínhamos que enfrentar e administrar praticamente a justiça com todas as nossas dificuldades naturais.

APMP: Fazia atendimento ao público?

Fazíamos, obrigatoriamente atendimento ao público.

APMP: Visitava cadeia?

Sim, visitava, fazíamos tudo, posto que o corregedor que com suas reuniões periódicas exigiam dos promotores este comportamento.

APMP: O senhor se recorda do nome do corregedor desta época?

Eu me lembro que o primeiro corregedor...nós tivemos vários nesta época, mas, se não me falha a memória nos tivemos o Wilson Dias Castejon, se não me falha memória, que exigia relatórios, cópias das denúncias, e a dificuldade nossa é que não tínhamos computador, a máquina de escrever era individual e particular do promotor, e as denúncias obrigatoriamente você tinha que datilografar com cópia, que hoje eu falo para os meus filhos e colegas que nós utilizávamos o papel carbono e, quando errava tinha que se apagar e apagar a cópia, que era um borrão só, e o papel do MP tinha que pegar aqui em SP, tudo isso era da carreira, que nos tínhamos muito, mas muito prazer em fazer tudo isso.

APMP: A comunicação era mais difícil?

Muito, muito mais.

APMP: Qual era o cenário político na época?

O cenário político, nós não tínhamos, até pela distancia, nós recebíamos as informações e as correspondências, o embate maior se dava a nível de CSMP, correto? Foi em uma dessas oportunidades que nós conhecemos também o saudoso e brilhante procurador de Justiça que brigava sozinho contra a chapa oficial e sempre foi eleito, aliás, dois promotores, que era o José Henrique Pierangeli e o Negreiro, os dois saíam candidatos e eram eleitos para o CSMP. O embate maior que se dava era ai, já que o embate quanto à procuradoria-geral era mais seletivo, já que os promotores de justiça não votavam, e a votação se dava só no Colégio de Procuradores, e o PGJ era eleito pelos procuradores que compunham o Colégio.

Depois eu fui promovido para Sumaré. Eu fiz a primeira em Altinópolis, em seguida eu fui para Sumaré. De início não houve uma promoção, eu fui convocado, já que o promotor titular de Sumaré estava afastado, que era o saudoso Renato. Fiquei em Sumaré, uma comarca que explodiu na época. Chegamos em Sumaré, que tinha 40 a 50 mil habitantes, com uma gama de trabalho muito grande, posto que aqui bem próximo a Campinas, numa região que estava naquela época expandiu muito, tanto é que em três anos ela pulou de 30 40 mil para quase 300. Com todas as dificuldades de infraestrutura, problemas regionais e de bairro.

APMP: Nestas comarcas o senhor encontrou alguma dificuldade por conta da sociedade ou do executivo?

Na comarca de Sumaré, existiu, sim, um episódio que marcou de certa maneira, foi que um ex-prefeito e pai do prefeito atual, quando eu cheguei lá, por uma questão de loteamento, e como ele foi acusado por uma imobiliária por estar exigindo documentação além das legais, eu vim a denunciá-lo num processo crime. Ao final, foi absolvido porque nós pedimos a sua absolvição, porque ficou demonstrado que a exigência que ele fez era uma exigência que vinha se contraindo ao tempo, que era normal de Sumaré, pela extensão territorial que a cidade estava sofrendo.

APMP: Depois o senhor foi para onde?

Eu fui pra Campinas. Também foi uma luta muito grande porque nós éramos nomeados pelo governador do Estado, não era o PGJ, mas sim o governador, você era indicado em lista tríplice pelo Conselho e o governador quem nomeava.

APMP: Quem era o governador?

Na época, quando eu fui para Sumaré era o Paulo Maluf, e, quando eu fui para Campinas foi o que sucedeu o Maluf. Nós tínhamos que trabalhar, ir na Secretaria de Justiça conversar com o secretário, e às vezes o próprio secretário já dizia a você: olha, não adianta você trabalhar porque o indicado vai ser fulano.

Em 1986 eu estava em Campinas, e nós estávamos numa campanha porque o doutor Paulo Salvador Frontini era o PGJ, e, nós tínhamos no interior alguns representantes do PGJ para que, assim que o PGJ recebesse um convite para participar de alguma atividade jurídica ou política na cidade e ele não podendo ir ele designava alguém da comarca. E assim eu fui designado a primeira vez, a segunda vez, e, ai houve uma reunião dos colegas que pretendiam se eleger ao Colégio, e nós fizemos uma reunião muito grande...mas nesta altura do campeonato, e como eu fui substituto da querida Tilene, eu estava em Campinas e o próximo passo tinha que ser em SP. Me lembro que num janeiro eu estava trabalhando em SP como designado para trabalhar nas férias em SP, acabei me

encontrando com a Tilene, ela já era tesoureira da associação (APMP). E conversando com ela, ela falou: você não vem para SP? -Olha Tilene, estou pensando, já estou três quatro anos em Campinas, estou pensando, os filhos já estão vindo pra SP para estudar, vou pensar. Não tardou uma semana que ela ligou para a minha casa dizendo que precisaria conversar comigo. Eu quero me reunir com você na minha casa, disse ela. Chegando lá, surpreso com as pessoas que se encontravam ali, e eu fui convidado então a participar da chapa da associação como 2º tesoureiro, ela falou: olha, eu te conheço, sei do seu perfil, sei como você trabalha, e se você realmente deseja vir para SP eu gostaria muito que você fosse o meu segundo tesoureiro. Por que isso? Porque o Claudio Alvarenga, então presidente da APMP, estava em vias de se eleger à PGJ, e a Tilene seria convidada a ser o chefe do gabinete do Claudio Alvarenga, e eu assumiria a Tesouraria. Tanto é que eu fui eleito 2º Tesoureiro na chapa com a Tilene como 1ª tesoureira e assumi quase que praticamente todo este período a primeira tesouraria, depois eu fui eleito 1º Tesoureiro, trazendo na segunda chapa como presidente o Antonio Araldo Dal Pozzo e o nosso colega, hoje aposentado, Juarez.

APMP: Como eram os Grupos de Estudos, a doutora Tilene tem um que leva o nome dela.

Pois é, os grupos de estudos. O que foi fundado em Bauru, desenvolveu-se em todo este período, a primeira regra dos grupos de estudos é que não poderia se envolver em questões políticas, jamais. Tanto é que nós presenciamos uma reunião na comarca de Sertãozinho, onde houve um embate neste sentido porque alguns promotores se revoltaram pelas colocações que estavam se fazendo nos grupos, colocações claramente políticas. Então, nós passamos a administrá-los institucionalmente, e passamos a fazer os seminários de finais de ano voltados para as teses desenvolvidas, não era só recreação, discutia-se sábado de manhã e domingo de manhã, todos os problemas que atormentavam o MP. Muitas teses, muitas vantagens, discutiam-se nos grupos de estudos, onde se chegou a uma conclusão satisfatória.

APMP: A APMP assumiu mais tarde a organização desses grupos?

Houve ai, na minha opinião, uma pequena ingerência da associação, porque os grupos por si só não sobreviveriam porque eles não tinham receita, os promotores se reuniam e pagavam do bolso o almoço. A associação começou então a fazer estes pagamentos, depois fazendo o seu aporte, e ai os grupos seguiram esta linha que nos temos hoje.

APMP: O senhor chegou a se candidatar ao Conselho ou Órgão?

Nunca. A única candidatura que eu tive no MP foi para primeiro e segundo tesoureiro. Não tinha pretensões maiores no MP.

APMP: Como o senhor chegou à segunda instância?

Nós estávamos na tesouraria junto com o Antonio Araldo, ele se viabilizou como candidato a procurador-geral, foi eleito. Eu fiquei surpreso, fiquei engrandecido de participar da assessoria do Antonio Araldo, e fomos para a assessoria de frente, ai nós encontramos inúmeras dificuldades, muitas dificuldades, onde nós tínhamos que fazer um trabalho conjunto de coordenar toda a infraestrutura institucional de promotores de justiça substituto, as suas substituições, as suas acumulações, e o CSMP geralmente ao se reunir nos finais de mês soltavam as promoções e nós às vezes não tínhamos tempo suficiente para fazer as designações, era uma dificuldade. Como também a dificuldade por faltar muitos promotores de justiça substitutos. Você pegava a circunscrições judiciárias ai onde nós tínhamos 10, 12 cargos de promotor de justiça substituto contando com 2, às vezes 3. Tinha que pedir praticamente para que os promotores entendessem, assumissem...designava um promotor para assumir Peruíbe,

acumular São Sebastião e prestar serviço em Santos. E assim no Estado todo, praticamente. Isto na função de assessor do procurador-geral de Justiça. Foi aí que houve então um estudo e o espírito empreendedor e a visão de instituição que o Araldo tem de criar a infraestrutura de promotorias e coordenadorias: Gaeco...que nós temos hoje. Tudo surgiu com o Araldo na procuradoria. Tivemos uma dificuldade muito grande em 1988, voltando um pouco, na condição de tesoureiro, que nós tivemos que, sem pedir qualquer reajuste em mensalidades, de manter um grupo de promotores em Brasília, praticamente dois anos, que você viu no livro, a associação bancava hotel, tudo para os nossos colegas em Brasília, e não poderia ser diferente. E no dia da promulgação da constituição nós lotamos dois aviões de promotores e procuradores de justiça e os levamos a Brasília sem que ninguém tirasse um tostão do bolso. E quando nós entramos com a Tilene lá atrás na associação, confesso que nós precisamos contar cliques para fazer esta economia, para esta roda girar.

APMP: E é uma classe muito unida?

Sempre foi. O MP graças a Deus sempre foi uma classe muito unida, existem divergências internas. Na época, nós tínhamos até uma certa prevenção dos colegas que no auge ou na pretensão corriam para os jornais para publicar uma coisa ou outra, e nós nunca aprovamos isso, nós sempre achamos que as questões internas do MP devem ser resolvidas internamente. Nós temos pessoal competente para resolver a situação.

APMP: Hoje, apesar de o senhor estar aposentado e advogando o senhor está sempre por aqui (na Sede Executiva da APMP e no prédio do MP).

Conversando recentemente com um amigo que me fez esta mesma pergunta eu disse: eu convivo com promotor desde os meus 17 anos. Eu não conheço a sociedade a não ser os promotores de justiça. Você convive com promotores de Justiça a vida toda, depois você se aposenta, advoga, mas acontece que o seu meio de vida é o MP, se não é a associação é o MP, como um todo. Então, com

quem eu tenho que conversar, os amigos que eu adquiri, os colegas que eu tenho, se eu tenho algum amigo para falar é com o promotor de Justiça. Aqui nós conhecemos as nossas virtudes e os nossos defeitos.

APMP: O que significou o MP para o senhor?

A minha vida. E dou graças a Deus: a Geraldo Shimitti, Wilson Lino, Disney, Tilene, que me incentivaram e indicaram o MP para eu fazer este concurso. (31:41)